

EDUCAÇÃO PARA O SENTIDO DA VIDA: UM DIÁLOGO ENTRE VIKTOR FRANKL E FERDINAND RÖHR SOBRE INTEGRALIDADE HUMANA

EDUCATION FOR THE MEANING OF LIFE: A DIALOGUE BETWEEN VIKTOR FRANKL AND FERDINAND RÖHR ON HUMAN INTEGRALITY

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Rodrigo Silva Rosal

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Resumo. O presente artigo reflete a contribuição epistemológica de Ferdinand Röhr e Viktor Frankl para o entendimento da educação voltada à busca do sentido da vida numa visão multidimensional e indivisível do ser humano em seus aspectos físicos, psíquicos e espirituais. Este estudo também apresenta uma visão de homem em Röhr e Frankl e tece um diálogo de aproximação em pontos comuns de suas teorias ao apontar a vontade de sentido como força motriz a se transformar na verdadeira meta da Educação. Como resultado, propõe que a aquisição deste conhecimento permite instrumentalizar o professor para o compromisso ético e responsável no desenvolvimento de tarefas pedagógicas voltadas à valorização e dignificação da integralidade da pessoa humana.

Palavras-chave: sentido da vida; multidimensionalidade; integralidade; meta educacional; tarefa pedagógica.

Abstract. This article reflects on the epistemological contribution of Ferdinand Röhr and Viktor Frankl to the understanding of education toward the quest for meaning of life, from a multidimensional and indivisible view of human beings in their physical, psychic and spiritual aspects. This study also presents a vision of man in Röhr and Frankl, weaving a dialogue on the approach of some common points of their theories in order to pinpoint the will to quest for meaning as a driving force capable of becoming the true goal of Education. As a result, it proposes that the acquisition of this knowledge allows the teacher to instrumentalize for the ethical and responsible commitment in the development of educational tasks targeted for the value and dignity of the completeness of the human person.

Keywords: meaning of life; multidimensionality; completeness; educational goal; pedagogical task.

INTRODUÇÃO

Uma sociedade globalizada, automatizada, tecnológica, instigadora da produção e consumismo, tende cada vez a massificar e coisificar pessoas, valorizando-as apenas em seu aspecto funcional de produtora e consumidora de bens de consumo. Num processo de secularização crescente e instigando cada vez mais a racionalização, procura despertar em seus partícipes a busca pelo prazer fugaz e momentâneo que estimula um consumismo desenfreado, a serviço da cultura do lucro. Esta mesma sociedade hedonista que dita parâmetros de normalidade e de comportamento faz com que a pessoa fique por muitas vezes escravizada na busca de tentar retornar afirmativamente a tudo que é prescrito, a exemplo de uma cultura exacerbada do corpo na perspectiva da ditadura da beleza. Este tipo de atitude não preenche a busca de sentido, pois por mais que se cuide do corpo, este é efêmero e passa por um processo de desgaste natural no decorrer dos anos.

A humanidade vive inquieta na busca pelo poder de exercer domínio sobre algo ou sobre alguém. Para tanto centra grande parte da existência numa corrida para angariar recursos materiais, bens financeiros como forma de poder comprar através do dinheiro a submissão do outro, mas na realidade, quem se determina seguir por este caminho, termina por ficar encarcerado nas teias do próprio poder. Isto acontece porque o homem tem sede do infinito e o poder, independente do patamar alcançado não locupleta o ser humano, pois existe um velho e sábio ditado popular que afirma “a medida do ‘ter’ nunca enche!”

A sede de infinito e a busca por felicidade faz com a pessoa humana esteja

sempre vivenciando um sentido de incompletude, uma inquietação, uma necessidade de enveredar por uma trajetória de novas experiências, que geram novas inquietações e conseqüentemente novas buscas... Só que este estado de espírito, de contentamento e bem-estar, nem sempre consegue ser vislumbrado por aqueles que não o apercebem como próximo, como algo capaz de ser vivenciado.

A busca por felicidade por si só não completa o ser humano. Ao contrário, o deixa com uma ânsia de uma sede constante, até porque como ser inconcluso que é o homem nunca chegará a um processo de felicidade plena, estática, completa. Dessa forma, a vida do homem deveria estar pautada num outro tipo de busca que respondesse às indagações existenciais que permeiam a condição humana: de onde vim? Para onde vou? O que estou fazendo? Como estou vivendo? Estas e outras perguntas sempre se apresentam inerentes a qualquer pessoa e muitas passam suas existências sem encontrar as respostas. Então a pergunta mais importante seria: “Qual o sentido de minha vida?” (Bastos, 2015, p 107).

A resposta à indagação mais latente do ser humano deveria ser propiciada a partir das experiências escolares, pois se a escola é elemento meio entre família e sociedade, esta não pode se preocupar somente com o repasse de uma formação cognitiva, mas cumprir o papel de formação básica do ser humano, para qual a educação em si está normatizada, tanto na Carta Magna Brasileira, quanto na Lei nº 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional.

Por mais que se fale em novas metodologias, em aprendizagem significativa, em educação inclusiva voltada para uma sociedade de direitos, na prática a escola ainda vem contribuindo para uma educação formal, racional, onde o que está em jogo é o desenvolvimento da inteligência, do intelecto, do cognitivo.

E é por isso que se vê uma população cada vez mais desenvolvida na produção e comercialização de bens de consumo, capaz de se conectar com outra pessoa bem distante de si, através dos meios de comunicação, mas muitas vezes, desconectada de si mesmo, sentindo um enorme vazio existencial, oriundo de uma vida desprovida de sentido;

Necessário se faz que se repense em que pilares a disseminação do conhecimento está sedimentado e qual é a escola e a educação de futuro capaz de conciliar uma educação humanizadora, harmônica, formadora de uma cultura de paz e promotora de desenvolvimento sustentável. Para tanto, este estudo vem apresentar a contribuição de dois teóricos contemporâneos: Ferdinand Röhr, e Viktor Frankl que se voltam para o entendimento sobre a busca de sentido e de como esta pode ser uma força motriz para se transformar na verdadeira meta da Educação no intuito de promover a integralidade do ser humano.

ENTENDENDO O SER HUMANO EM SUA MULTIDIMENSIONALIDADE

Tanto Viktor Frankl quanto Ferdinand Röhr entendem que o ser humano é indivisível, não havendo uma dicotomia entre corpo e alma. A pessoa é um todo em seus aspectos físicos, psíquicos e espirituais.

O SER HUMANO EM FRANKL - TRIDIMENSIONALIDADE

Viktor Emil Frankl, médico psiquiatra e neurologista (1905-1977) ao elaborar sua teoria intitulada *Logoterapia e Análise Existencial*, considerada a terceira escola vienense de psicoterapia apresenta o ser humano em três dimensões: fisiológica (onde aparecem todos os fenômenos corporais), a psicológica (que retrata a cognição e as emoções) e a dimensão noética (dimensão espiritual), que vai além da unidade corpóreo-psíquica e se traduz na dimensão propriamente dita de sua existência.

O espiritual, contudo, não é apenas uma dimensão própria, mas também a dimensão propriamente dita do ser do homem. Por mais, porém, que a dimensão espiritual constitua a dimensão propriamente dita, ela não é, de maneira alguma, a única dimensão do ser do homem. Ora, o homem é efetivamente uma unidade e uma totalidade corpóreo-psíquico-espiritual. (Frankl, 2012, p 62)

Frankl ainda afirma que o homem não é apenas uma unidade, mas também uma totalidade que não pode ser somada e fundida. Segundo o autor, estas dimensões por mais que sejam distintas uma das outras, se pertencem entre si, pois são antropologicamente inseparáveis. É a tridimensionalidade do corpo, alma e espírito que faz do ser humano uno numa totalidade corporal e psíquica. Frankl apresenta três existenciais que constituem o ser humano: a espiritualidade, a liberdade e a responsabilidade do homem, sendo que “o espiritual é algo que distingue o homem, algo que só cabe a ele”. (Frankl, 2012, p. 72).

A ESPIRITUALIDADE

Frankl afirma que o elemento humano propriamente dito só se torna visível quando o homem se insere em sua dimensão espiritual. Ao recorrer ao conceito grego de *nous*, Frankl integra “o ser humano numa unidade bio-psico-noética. O ser humano não poderia mais ser concebido apenas como um ser autômato, reduzido a processos psicológicos, sociológicos ou somáticos”. (Aquino, 2011, p 45).

A essência do ser espiritual traz a necessidade de busca de estar junto a outro ente espiritual, de não se fechar em si mesmo. É através de um estado de entrega irrestrita denominado amor que se é capaz de vislumbrar no outro aquilo que ainda pode e deve vir a ser como realidade efetiva antes mesmo de sua existência. “Amor é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade. Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem ama-lo” (Frankl, 1991, p 100).

Essa antecipação, essa assunção espiritual prévia, ocorre, então, naquilo que se denomina intuição: a antecipação espiritual acontece em um ato de visão. Assim, a consciência moral se revela como uma função essencialmente intuitiva: a fim de antecipar o que precisa ser concretizado, a consciência moral precisa intuí-lo de antemão. (Frankl, 2012, p 78).

Além do amor, existe também uma espiritualidade inconsciente denominada consciência moral, irracional, pré-lógica, pré-científica, pré-moral que deriva da necessidade de um ente que ainda não se abriu para a consciência do precisar ser para realizar algo que

precisa ser realizado e que de algum modo é antecipado espiritualmente e denominada de intuição. Dessa forma, tanto o amor numa visão espiritual consegue contemplar uma pessoa em sua singularidade e potencializar seus valores, quanto a consciência moral em suas percepções éticas desvela para o próprio homem algo que deve ser feito por ele, de maneira única e singular, não apreendida através de nenhuma lei geral universal, de forma racional, mas de realização intuitiva.

Além da consciência moral e do amor, o inconsciente estético ou consciência artística também se faz presente numa espiritualidade inconsciente denominada inspiração. Os interesses intelectuais, artísticos e criativos nascem da intuição. Frankl afirma que toda reflexão desnecessária durante este processo pode obstaculizar o pensamento criativo.

A LIBERDADE

Frankl aponta para uma liberdade relacionada a três coisas: perante as pulsões (no momento em que tem a “liberdade de” e a “liberdade para” não se deixar determinar por elas ou nega-las) perante a herança (mesmo com uma disposição física idêntica, a exemplo de gêmeos univitelinos, se pode ter a liberdade de se construir vidas diversas) e perante ao mundo circundante (o mundo não constitui o homem, mas sim a atitude que este toma a partir do mundo que o cerca e das situações às quais tem que decidir). Por mais que o homem esteja condicionado por suas pulsões, por uma herança genética ou pelo meio ambiente, ele sempre tem o poder decisão sobre si mesmo. “Sem dúvida, o ser humano é um ser finito e sua liberdade é restrita. Não se trata de estar livre de fatores condicionantes, mas sim da liberdade de

tomar uma posição frente aos condicionamentos”. (Frankl, 1991, p 112).

Destarte, Frankl afirma que o homem só consegue ultrapassar esta condicionalidade quando a “transcende” enquanto ser espiritual se posiciona e se comporta livremente. Assim, o homem em geral só é homem na medida em que e até o ponto em que ele – como ser espiritual – se acha para além de seu ser corporal e psíquico. (Frankl, 2012, p 94).

A RESPONSABILIDADE

“A responsabilidade pertence aos fenômenos irreduzíveis e impassíveis de serem deduzidos no ser humano” (Frankl, 2012, p.111) e este fenômeno faz com que o homem seja responsável pelo preenchimento de sentidos e realização efetiva de valores. Esta responsabilidade traz em si alguns questionamentos: Pelo quê se é responsável? Ou ante-o-quê do ser responsável do homem? E mais ainda: algo *ante-o-quê* alguém é responsável? Este algo é a consciência moral que coloca o dever ontologicamente numa posição anterior ao querer e vá além dos impulsos e dos instintos que o impelem para se deixar ser atraído pelo sentido e valores, dando-lhes poder de decisão em favor da consciência moral.

Somente na medida em que nos legamos, em que nos entregamos, em que nos abandonamos ao mundo e às tarefas e exigências que irradiam dele para a nossa vida, somente na medida em que o que está em questão para nós é o mundo lá fora e os objetos, mas não nós mesmos ou nossas próprias necessidades, somente na medida em

que preenchamos tarefas e exigências, preenchamos e realizamos também a nós mesmos. (Frankl, 2012, p 105).

Frankl afirma que a principal força motivadora do homem é a busca do sentido na vida através do uso de uma liberdade com responsabilidade voltada para o sentido e os valores. No momento em que este se percebe como um ser auto transcendente não se fecha em si mesmo e sabe que seu autopreenchimento e sua autorrealização não se realiza voltada para si mesmo, mas passando pelo mundo a serviço do outro. Assim toma o cuidado de “não fazer da moral uma pílula para dormir e do ethos um tranquilizante. *Peace of mind* (paz de espírito, tranquilidade de alma) não é uma meta, mas o efeito de nosso comportamento ético” (Frankl, 2012, p 101).

O SER HUMANO EM FERDINAND RÖHR

Ferdinand Röhr apresenta uma visão integral do ser humano numa multidimensionalidade, com cinco dimensões básicas e dimensões temático transversais.

A dimensão física inclui a corporalidade físico-biológica, da qual, em parte, nem temos percepção. A dimensão sensorial é representada pelas nossas sensações físicas, calor-frio, dor-prazer físico, doce-amargo, enfim, a percepção que temos através dos nossos cinco sentidos: tato, visão, audição, olfato e paladar. A dimensão emocional abrange a vida da nossa psique, os estados emocionais (médio, insegurança, euforia, apatia, tristeza, melancolia, impaciência, dispersão, solidão, saudade, indecisão, pessimismo etc.) e suas respectivas movimentações e

compensações. A dimensão mental do ser humano inclui, em primeiro lugar, o racional e o lógico no sentido mais restrito, quer dizer, aquela parte em que correspondemos naquilo que pensamos, com todos os seres humanos, os pensamentos universais, formais (lógica matemática). Abrange também a capacidade de reflexão – de questionar todas as coisas, inclusive a si mesmo –, a recordação e a memória, a imaginação e a fantasia, a compreensão e a criação de ideias e, finalmente a nossa intuição, em que sabemos, sem poder justificar, em última instância, por que sabemos. (Röhr, 2013, p 26).

As dimensões física, sensorial, emocional e mental são chamadas por Röhr de imanentes, pois estão atreladas ao homem em sua materialidade e concretude enquanto pessoa humana. Além destas, existe uma dimensão transcendente, a Espiritual que agrega os valores éticos e metafísicos. Estas dimensões são elencadas de acordo com sua densidade que vai da mais densa (física) até a mais sutil (espiritual), de forma que são passíveis de serem identificadas em sua individualidade, mas que não são estanques, mas interagem umas com as outras, de forma hierárquica e independente. Röhr afirma que havendo o desequilíbrio de uma dimensão, conseqüentemente afetará outras mais cedo ou mais tarde e que quando acontece de uma dimensão mais densa ser afetada de maneira mais incisiva, logo se apresenta na dimensão mais sutil, mas isso não significa que o contrário não acontece, pois, estas realidades terminam também por se manifestarem nas mais densas, a exemplo das somatizações no corpo oriundas de processos emocionais

desequilibrados.

Röhr ainda enumera 13 dimensões temático-transversais que perpassam as dimensões básicas que também se apresentam com múltiplas relações entre si. São elas: dimensão relacional, a prática-laboral-profissional, a político-econômica, a comunicativa, a sexual-libidinal e de gênero, a étnica, a estético-artística, a ética, a místico-mágico-religiosa, a lúdica, a ecológica e a *volitivo-impulsional-motivacional*. Röhr não encerra as dimensões nestas treze citadas, pois podem aparecer outras e afirma que a importância de cada dimensão na vida das pessoas vai depender das circunstâncias histórias, geográficas e culturais que regem o contexto de vida de cada ser humano. Algumas dimensões dependem do nível de aptidões, potencialidades e inclinações pessoais para o seu desenvolvimento, a exemplo da dimensão estético-artística. Já outras transitam pelas demais dimensões existentes, a exemplo da dimensão ética, que interfere tanto de forma pessoal, quanto na convivência e relação interpessoal do ser humano com seus pares e com a natureza à sua volta.

Basear a ética nas intuições que temos de espiritualidade significa um alto grau de autocontrole, de força de vontade, não raras vezes muita coragem, desprendimento e disciplina para realizar o ético. A grande maioria dos seres humanos não age de acordo com um senso ético desenvolvido a partir da dimensão espiritual, mas de acordo com os conformes de uma moral estabelecida. (Röhr, 2013, p 100).

Röhr afirma que a dimensão ética é a que mais precisa ser cuidada e para tanto cada pessoa

deve fazer um compromisso de luta individual baseada numa auto-observação a fim de se deixar guiar pela voz do senso ético e não por argumentações surgidas de um envolvimento emocional geralmente interesseiro, egoísta e tendencioso a um julgamento ético em favor de si próprio. Assim sugere que se transcenda o relativismo ético ou próprio dogmatismo ético que são maneiras imanentes de se tratar a questão ética e se assuma este saber em sua dimensão espiritual que irá gerar um comprometimento pessoal incondicional e individual naquilo que se faz no sentido de se fazer o melhor que se pode.

A ESPIRITUALIDADE

Röhr traz um conceito de espiritualidade que não depende e nem está atrelado às religiões, pois por mais que não descarte a existência de experiências distintas de crença, este afirma que que quando a vida é baseada na espiritualidade não se impõe crenças, pois a espiritualidade é refletida a partir de uma experiência própria, num compromisso incondicional consigo mesmo. Muito embora, que não se exclua a possibilidade de uma pessoa espiritualizada ter uma fé religiosa, acreditar numa divindade e ter uma forma específica de vivencia-la, até porque a própria espiritualidade pode e necessita de prática, ritos e celebrações para ser expressada. O que não deve acontecer é se fixar a alguma crença específica como um único caminho para o desenvolvimento de uma vida espiritualizada.

Destarte, não há necessidade de uma revelação direta da divindade, de participar de alguma comunidade específica ou de ser uma pessoa dotada de algum dom especial, uma vez que a dimensão espiritual faz parte da integralidade do ser humano não apenas com

uma fé aprendida, mas como algo experienciado que “envolve a pessoa por inteiro. Exige dela um comprometimento com ela, uma identificação que gera uma sincronia desse sentido com a própria postura de vida” (Röhr, 2013, p 33).

A LIBERDADE

Segundo Röhr, não há como se provar cientificamente até que ponto um ato é livre ou não pois ele sempre pode estar sujeito a fatores condicionantes externos de natureza genético-*biológica*, familiares, psicológicas, sociológicas, culturais, políticas, econômicas ou religiosas.

Liberdade, nessa situação do nosso dia a dia, aparece como possibilidade de escolha. Significa ser independente de fatores que, objetivamente, ameaçam o espaço em que podemos tomar decisões. Liberdade total, como já afirmamos, não existe. Nunca somos absolutamente livres. (Röhr, 2012, p 47).

A liberdade na imanência do corpo físico sempre encontra limites, bem como das próprias emoções que sujeitam o ser humano. Citando Jaspers, Röhr traz o conceito de liberdade negativa (entendida como liberdade na imanência, vista como espaço vazio, de possibilidades à disposição de libertar-se de algo) e de liberdade positiva (que se encontra na imanência, mas também na transcendência na capacidade de modificação ativa das condições sociológicas ao assumir responsabilidades diante das escolhas relacionadas ao mundo imanente e na capacidade de fazer escolhas sobre si mesmo diante da transcendência).

Ainda citando Jaspers, Röhr afirma que a liberdade positiva pertence à realidade espiritual, de um processo de agir interior no

qual a pessoa vai se auto certificando-se no sentido de ir pouco a pouco se livrando de uma falsa comunicação manipuladora, opressiva e *ideologizante* que leva a uma perda solidão de massas e partir para uma comunicação amorosa que leve a um encontro de duas pessoas pautado no respeito às diferenças e na solidariedade recíproca. “Os que buscam a liberdade podem contar com o apoio das pessoas que também a procuram” (Röhr, 2012, p 53).

O SER HUMANO EM SUA BUSCA DE SENTIDO

Tanto Frankl quanto Röhr trazem em suas teorias, uma enorme contribuição sobre como o ser humano pode se conduzir na busca de sentido para sua vida que é a grande inquietação, a grande resposta a ser respondida ao longo da trajetória da existência humana.

A BUSCA DE SENTIDO EM VICTOR FRANKL

Frankl aponta a busca de sentido na vida como a principal força motivadora do ser humano e a frustração dessa vontade de sentido, pode gerar um vazio existencial manifestado por sentimentos de tédio, apatia e angústia, que vão minando a alegria, a esperança e a coragem. Em contrapartida, este vazio aumenta o fenômeno da depressão, violência e dependências dos vícios, a exemplo da dependência química que tanto tem acometido a juventude atual. Para mascarar esta ausência, busca-se uma complementação em preenchimentos fugazes como a vontade do poder, (do dinheiro, do ter) ou a vontade do prazer, (da compensação sexual, da utilização da libido de forma indiscriminada, do querer). Todas estas vontades por serem

efêmeras em sua condição de satisfação, não preenchem significativamente o ser humano.

O sentido da vida segundo Frankl é único e individual e para tanto, o homem é um ser responsável perante a sociedade e a sua própria consciência para vivenciar esta busca que se torna efetiva no momento em que se autotranscende, isto é, quando entende que encontra o verdadeiro sentido na vida ao se realizar no encontro com outro ser humano, no momento em que esquece de si mesmo e dedica-se a servir uma causa ou amar outras pessoas.

Assim, a teoria motivacional de Frankl apregoa a vontade de sentido como a motivação primária, ou seja, o ser humano possui uma vontade de encontrar sentido no mundo objetivo, interpretando a sua existência em um contexto de sentido. (Aquino, 2011, p 54)

Frankl aponta três caminhos para se encontrar um sentido na vida: no trabalho, no amor e na vivência do sofrimento. Quanto mais o ser humano se abre para seu semelhante, doando-se inclusive em trabalhos voluntários, sentindo-se útil, mais consegue preencher sua vida de sentido. É a capacidade de se perceber com propósitos altruístas, diante da responsabilidade para com o próximo, de se perceber capaz de estar unido a outras pessoas num sentido individual ou coletivo a realizar, que vai cada vez mais fortalecendo a vontade de sentido como algo que se pode conquistar.

É na capacidade de viver o sentido do amor que se consegue propiciar ao outro as condições de desenvolvimento de suas potencialidades pois a crença em sua existência e na possibilidade do vir a ser, que faz com que se possa visibilizar a essência de outro ser

humano no íntimo de sua personalidade. E assim, ao oportunizar o crescimento alheio, a vontade de sentido prevalece e se fortalece.

O mais importante é o terceiro caminho para o sentido na vida: mesmo uma vítima desamparada, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e assim, mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo. (Frankl, 1991, p 124).

Até mesmo o sofrimento inevitável pode se transformar em fonte de crescimento no momento em que se encontra um sentido para a realização humana, para a conquista e triunfo “em outras palavras, o sentido da vida é um sentido incondicional, por incluir até o sentido potencial do sofrimento inevitável!” (Frankl, 1991, p 102).

A BUSCA DE SENTIDO EM FERDINAND RÖHR

Röhr (2012, p 17) apresenta o sentido da vida como meta proposta para a educação e aponta dois caminhos que fundamentam esta busca: O primeiro trata-se dos que optam pelas teorias de correspondência que pressupõem um sentido da vida vindo de uma instância exterior, superior, além e anterior ao indivíduo. Estas teorias são utilizadas tanto pelas religiões que colocam na divindade a predeterminação do sentido da vida, como também pelas doutrinas político-econômico sociais que “enxergam em uma determinada formação social a condição da realização humana”. Neste caso, só resta ao ser humano a correspondência a este caminho como verdadeiro e viável para a adesão e

seguimento. O segundo caminho apresenta as teorias de irreverência que preservam a autonomia do indivíduo em detrimento das forças externas que tentam doutrinar e influenciar.

Parece que o que caracteriza as Teorias da Educação de Correspondência é exatamente uma crença num destino – independentemente da forma como este se expressa – e na necessidade de se adequar a ele. As Teorias de Irreverência caracterizam-se pela negação do destino, em nome de uma liberdade que cria eternamente formas inusitadas de expressão humana. A pedra de toque na disputa entre as duas vertentes, parece ser, portanto, a relação entre destino e liberdade. (Röhr, 2007, p 61).

Muitas vezes os defensores das teorias da correspondência e da irreverência se acusam mutuamente com relação ao entendimento sobre os caminhos que levam a realização do sentido da vida. Röhr traz uma proposta de conciliação entre opiniões divergentes nesta proposição:

Pergunta-se se não existe uma possibilidade de compreender o sentido da vida humana, representando na sua realização a meta da Educação, como algo posto, algo a ser encontrado e reconhecido na sua validade e, ao mesmo tempo, como algo que não tolhe a liberdade humana, a autonomia, na tarefa de realizar-se. (Röhr, 2012, p. 19).

Röhr afirma que se pode dizer sim e não tanto à correspondência quanto à irreverência e traz consigo uma proposta de fazer ver que com relação à correspondência, esta deve ser consideradas como algo que não é imposto, mas

como uma certeza interna, livres de interesses egoístas ou da necessidade de imposição e doutrinação a outros das certezas individuais que deve nascer dos encontros individuais. O sentido mais íntimo da vida de cada indivíduo é parte singular dele, e nenhuma orientação universal e supostamente objetiva pode determiná-lo. (Röhr, 2012, p. 149). A teoria da irreverência serve na visão de Röhr para que se possa aceitar ou não o que se é enquanto momento real e enquanto projeto de autenticidade naquilo que se é.

Röhr aponta para a realização do sentido da vida a partir de uma Educação que busque a integralidade humana e que a espiritualidade do homem não seja preterida, nem deixada de lado, mas que faça parte dessa visão do todo, na junção do imanente e transcendente. Propõe que todas as dimensões, cada uma em sua especificidade consigam formar um todo sincrônico e que a dimensão espiritual seja parte essencial da proposta da educação integral.

A EDUCAÇÃO PARA O SENTIDO DA VIDA

Ao pensar na educação como promotora do desenvolvimento humano não somente em seu aspecto cognitivo, mas também em seu processo de humanização, busca-se em Víctor Frankl e em Ferdinand Röhr um aporte teórico que traga uma meta educacional capaz de despertar o ser humano para a realização do sentido da vida como força motivadora da pessoa humana em sua trajetória terrestre.

O professor ao trabalhar numa perspectiva multidimensional na busca de sentido, esta será um excelente caminho para desenvolver a motivação no ambiente escolar, tanto para o aluno na condição de aprender e

para o próprio professor na missão de ensinar. Assim também ambos os atores estarão abertos para uma *bidirecionalidade* do ensino aprendizagem que se dará no desenrolar da dinâmica da vivência escolar.

No âmbito educacional, faz-se necessária uma prática em que cada elemento envolvido assuma sua responsabilidade pelas relações de ensino e aprendizagem, com compromisso ético e político, visando o desenvolvimento integrado ser humano, que conquista a sua integridade no aprender a viver junto (Vale, 2014, p 198).

É em busca de uma educação que reconheça e respeite a diversidade humana em seu aspecto biopsicossocial, que não somente promova uma visão racional e compartimentalizada da pessoa, é que Frankl e Röhr apontam a dimensão espiritual como parte essencial na proposta de educação voltada a integralidade humana. Esta dimensão fará com que o ser humano se autotranscenda, que vá ao encontro do outro e que se permita crescer a partir das relações de troca que serão vivenciadas.

Ao indicar três caminhos (trabalho, amor e sofrimento) para a identificação do sentido da vida, Frankl assinala o fortalecimento do ser humano a partir da experiência vivencial desses três aspectos formativos. É no desenvolvimento da resiliência que se combate o vazio existencial que tem tomado conta de tantas pessoas e gerado muitas vezes uma apatia e um descrédito no processo de ensino aprendizagem quando não se consegue fazer uma ponte entre teoria e prática e o que é aprendido na escola sem significação prática para a vida externa do

aluno. “Dessa forma, o educando que possui um ‘para que apreender’ talvez seja um candidato ao sucesso escolar, enquanto aquele que está envolvido no tédio ou vazio existencial não terá forças par ir adiante”. (Cavalcante & Aquino, 2014, p 54)

Röhr identifica três elementos indispensáveis no pensamento sobre educação: educador, educando e tarefa pedagógica, sendo o educador o principal responsável pela Educação e que por esta razão precisa desenvolver uma responsabilidade ética, um intensão educacional de dar o melhor de si no processo de contribuir para o desenvolvimento das potencialidades humanas, daqueles que através da tarefa pedagógica, irão estar na condição de alunos, principais beneficiados pelo processo educacional. “A intenção educacional é tornar o homem homem, nesse segundo sentido, de desenvolver nele o que tem de mais humano e que não é simplesmente resultado da sua maturação natural”. (Röhr, 2007, p 57)

A educação que tem como meta educacional a busca do sentido na vida propõe uma tarefa educacional que “não se esgota na aquisição intelectual de conhecimentos. Abrange também as ações, o lado afetivo, as posturas, as convicções e tudo o que as sustenta” (Röhr, 2012, p 157). Numa relação de confiança recíproca de *EU-Tu* entre educando e educador, numa experiência de ética pedagógica, se consegue vivenciar o despertar de valores válidos de esperança, amor, alegria e fé no desenvolvimento de potencialidades.

Frankl afirma que o sentido e os valores não impelem, mas atraem dando ao homem a possibilidade de escolha de realização de valores. “O ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo para

melhor, se necessário” (Frankl, 1991, p 112). Não é negar os condicionamentos existentes, mas é saber escolher coerentemente as atitudes mais acertadas a partir da vivencia frente aos condicionamentos.

Entretanto, não é o homem que deve se perguntar acerca do sentido da existência (até porque o sentido do universo é ininteligível), mas o ser humano é que é constantemente interrogado e é ele que deve responder as questões que a vida lhe impõe. Tais respostas serão (ou pelo menos deveriam ser) sempre dadas através de atos, pois unicamente pelas ações serão constituídas as verdadeiras respostas ao sentido. (Dourado, Figueiredo, Farias, Cavalcante, Aquino e Silva, 2014, p 30).

Röhr ressalta a contribuição das várias dimensões na formulação da meta educacional objetivando a formação integral do ser humano, tendo a dimensão espiritual como norteadora do processo de humanização. “A dimensão espiritual transcende a realidade empiricamente verificável e nem por isso deixa de ser realidade para quem se volta para ela e se compromete com ela”. (Röhr, 2012, p 15). É este compromisso com a dimensão espiritual que gera a confiança no Ser, em si mesmo, em sua competência de não desanimar, de não se abater pelos entraves e desilusões, mas seguir em frente na missão de educar e ser educado, de ensinar e ser ensinado a ser gente acima de tudo que sente, pensa, age e faz a diferença!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar acerca da integralidade humana a partir do olhar apurado de austríaco Viktor Frankl e do alemão Ferdinand Röhr é ter a

oportunidade de estabelecer com suas teorias um colóquio epistemológico. É vivenciar uma viagem para dentro de si mesmo e descobrir as rotas de aprendizagem que sinalizam, despertam e mantem acesa a chama do sentido da vida.

Refletir à luz de Frankl e Röhrl que viveram tão próximos geograficamente e que nos trazem conceitos importantes que nos rodeiam no nosso dia a dia a exemplo da liberdade, responsabilidade, intuição e espiritualidade não como temas estanques, mas como estados vivenciais inerentes à condição humana, nos faz repensar sobre como está a vivência de nossa espiritualidade e de como nos permitimos cercar ou nos deixarmos levar por nossas intuições para fazermos ou não, escolhas responsáveis na perspectiva de uma liberdade positiva. Esta liberdade que tem origem na transcendência, nos permite termos ciência dos condicionamentos existentes, mas irmos além deles na tomada de decisões que favoreçam um crescimento interior de encontro ao outro no estabelecimento de relações interpessoais positivas, a propiciar uma cultura de paz, respeito e reconhecimento das diferenças e diversidade humana.

Entender o homem enquanto ser total sem dicotomia entre corpo e alma, mas dotado de dimensões básicas e temático-transversais, distintas e interligadas entre si, nos faz questionarmos até que ponto uma educação racional, cognitiva, competitiva, que se preocupa

apenas com o mero repasse de conhecimentos, tem servido para transformar este mundo num espaço melhor de convivência entre os seres humanos em sua relação com todos os seres vivos neste planeta.

Ler a visão de homem em Viktor Frankl e entender o despertar da vontade de sentido nos três caminhos que ele propõe (trabalho, amor e sofrimento) é acreditar que este despertar de valores pode ser trabalhado nas escolas, para que não somente se ensine o *ter* ou o *querer*, mas acima de tudo o *ser*, pois assim estaremos construindo as bases de uma sociedade mais justa, harmônica e solidária.

Ler a visão de homem em Ferdinand Röhrl é perceber a necessidade de prover a educação de novas metas educacionais voltadas para o planejamento e execução de tarefas pedagógicas numa perspectiva multidimensional. É se unir ao autor na crença de disseminar uma aprendizagem mais significativa, prazerosa, capaz de renovar o fazer pedagógico, quebrar paradigmas e trazer novas formas de pensar que conseqüentemente servirão de setas indicadoras para novas práticas, rotas epistemológicas e pedagógicas. É conseguir fazer um caminho do meio entre as teorias de correspondência e irreverência, utilizando-as de forma correta e na medida certa para promoverem o bem-estar e crescimento do ser humano enquanto ser integral.

REFERÊNCIAS

Aquino, T. A. A. (2011). *Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl*. João Pessoa: Ed. Universitária. UFPB.

- Bastos, A. C. A. C. (2015). A clausura do corpo libertando grilhões da mente: em busca do sentido na vida a partir de ser mãe de uma filha com paralisia cerebral. *Revista Logos e existência*. 3(2) pp. 106-118.
- Frank, V. E. F. (1991). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. [Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Avelino]. (2a.ed.). São Leopoldo: Sinodal. Petrópolis: Vozes.
- Frank, V. E. (2012). *Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas*. [Tradução: Marcos Antônio Casanova]. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Röhr, F. (2007). Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico próprio da Educação. *Pro-Posições*, 18(1), pp. 51-70.
- Röhr, F. (2012). Espiritualidade e educação. Em F. Röhr, A. S. Freitas, A. L. Ferreira, J. P. Junior, M. B. N. Santiago. *Diálogos em educação e espiritualidade*. (pp. 7-12). Recife: Editora Universitária da UFPE.
- Röhr, F. (2013). *Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação*. Campinas: Mercado de Letras.
- Vale, R. M. (2014). Em busca de sentido à formação integral do ser humano na perspectiva de Viktor E. Frankl. *Revista Logos e existência*. 3(2) pp 191-202.

Enviado em: 31/07/2016

Aceito em: 01/03/2017

SOBRE OS AUTORES

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos. Possui graduação em Estudos Sociais - UEPB/PB e Pedagogia - UVA/CE - especialidade em Psicopedagogia Institucional - CINTEP/PB- mestre em Ciências das Religiões - UFPB. Pesquisadora do grupo FIDELID - Grupo de Pesquisa Formação, Identidade, Desenvolvimento e Liderança de Professores de Ensino Religioso - UFPB e do Grupo de Pesquisa REEDUCARE - UFPB. Professora da Rede Estadual à disposição da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência - FUNAD - Paraíba, enquanto reabilitadora na Assessoria de Educação Especial - Professora da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de João Pessoa - PMJP/PB. E-mail: anacristinabastos2008@hotmail.com.

Rodrigo Silva Rosal. Professor Adjunto do Departamento de Fundamentação da Educação da UFPB.